**Manchete:** A violência cotidiana da vida na Palestina ocupada

**Sumario:** A única forma do novo “regime de segurança” de Israel funcionar seria retirar todos os palestinos de Gaza, seja por meio de massacres ou da expulsão

Por Vijay Prashad

**Biografia do autor:** Este artigo foi produzido para a [Globetrotter](https://globetrotter.media/) e traduzido por Raul Chiliani para a [Revista Opera](https://revistaopera.com.br/). Vijay Prashad é um historiador, editor e jornalista indiano. É membro da redação e correspondente-chefe da Globetrotter. É editor-chefe da [LeftWord Books](https://mayday.leftword.com/) e diretor do [Instituto Tricontinental de Investigação Social](https://thetricontinental.org/es/). É autor de mais de 20 livros, entre eles [*The Darker Nations*](https://smile.amazon.com/Darker-Nations-Peoples-History-Third/dp/1595583424/?tag=alternorg08-20) e [*The Poorer Nations*](https://smile.amazon.com/Poorer-Nations-Possible-History-Global/dp/1781681589/?tag=alternorg08-20). Seus últimos livros são [*Struggle Makes Us Human: Learning from Movements for Socialism*](https://www.haymarketbooks.org/books/1869-struggle-makes-us-human) e [*The Withdrawal: Iraq, Libya, Afghanistan, and the Fragility of U.S. Power*](https://thenewpress.com/books/withdrawal) (com Noam Chomsky).

**Fonte:** Globetrotter

**Rótulos:** Oriente Médio/Israel, Oriente Médio/Palestina, Guerra, América do Norte/Estados Unidos, Biden, Curto prazo, Nações Unidas, Ásia/Índia, História

**[Corpo do artigo:]**

Dirigir ao longo do Vale do Rio Jordão, no Território Palestino Ocupado (TPO) da Cisjordânia, é uma experiência impressionante. A estrada é oficialmente nomeada de “Estrada 90”. As terras aráveis e irrigadas ao longo desta estrada são mantidas [ilegalmente](https://press.un.org/en/2016/sc12657.doc.htm) por militares e colonos israelenses, muitos dos quais não são efetivamente cidadãos israelenses, mas sim residentes da diáspora judaica. Um [relatório](https://www.ohchr.org/sites/default/files/documents/hrbodies/hrcouncil/coiopt/2022-10-19/Report-COI-OPT-14Sept2022-EN.pdf) da Comissão das Nações Unidas publicado em 2022 demonstrou que a atividade de colonização constitui um crime contra o direito internacional em matéria de direitos humanos (transferência de população para um território ocupado). Os colonos israelenses e os militares israelenses que a defendem a chamam de Estrada 90 Derekh Gandhi, ou Estrada de Gandhi. Quando passei por essa estrada pela primeira vez, há mais de uma década, fiquei intrigado com o nome de Gandhi. Mahatma Gandhi foi um líder da luta pela liberdade na Índia e, em muitas ocasiões – como no seu [artigo](https://www.jewishvirtuallibrary.org/lsquo-the-jews-rsquo-by-gandhi) de 1938, “Os Judeus” – manifestou a sua simpatia e solidariedade para com o povo palestino. De fato, a estrada que corta a Cisjordânia - uma região crucial para um pretendido Estado palestino - tem o nome de Rehavam Ze’evi, que ironicamente recebeu a o apelido de Gandhi.

Ze’evi liderava o partido União Nacional, que reunia todas as correntes mais perigosas da extrema-direita israelense. Enquanto líder deste partido e, antes disso, do [Moledet](https://en.wikipedia.org/wiki/Moledet), Ze’evi [defendia](https://www.theguardian.com/world/2001/oct/18/israel2) a expulsão dos palestinos do que considerava ser o território de Israel (Jerusalém Oriental, Gaza e Cisjordânia). Apoiava a criação de [Eretz Yisrael](https://www.encyclopedia.com/politics/dictionaries-thesauruses-pictures-and-press-releases/eretz-yisrael-hebrew-meaning-land-israel) (termo para ‘Terra de Israel’), que se estenderia do rio Jordão ao mar Mediterrâneo. Em março de 2001, Ze’evi – que mais tarde seria [acusado](https://www.haaretz.com/israel-news/2016-04-15/ty-article/.premium/tv-program-rips-image-of-idf-general-zeevi-to-shreds/0000017f-ec5e-d4cd-af7f-ed7ee4100000) de assédio sexual e de envolvimento com ocrime organizado - [disse](https://www.theguardian.com/world/2001/oct/18/israel2) ao ***The Guardian*** que “não é assassinato livrar-se de potenciais terroristas, ou daqueles que têm sangue nas mãos. Cada um que é eliminado é menos um terrorista que temos de combater”. Alguns meses depois, Ze’evi mostrou que não fazia distinção entre os palestinos, chamando a todos eles de “câncer” e [dizendo](https://ips-dc.org/where_is_the_outrage/): “Penso que não há lugar para dois povos no nosso país. Os palestinos são como piolhos. É preciso eliminá-los como piolhos”. Ele foi morto a tiros por combatentes da Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP) em outubro de 2001. O nome da estrada que atravessa a Cisjordânia – prometida a um Estado palestino nos Acordos de Oslo de 1993 – ainda tem o nome de Ze’evi.

Ze’evi foi assassinado por combatentes da FPLP porque o exército israelense tinha assassinado o seu líder, Mustafa Ali Zibri, ao disparar dois mísseis de cruzeiro contra a sua residência em Al-Bireh (Palestina). O assassinato de Zibri não foi um incidente isolado. Fazia parte do [plano](https://www.thenation.com/article/archive/and-darkness-covered-land/) do primeiro-ministro israelense Ariel Sharon para “provocar o colapso” da Autoridade Palestina – criada para gerir os Acordos de Oslo – e “mandá-los todos para o inferno”. Para além do assassinato sistemático de civis, a partir de julho de 2001 o governo israelense matou quatro dirigentes políticos (o líder da Jihad Islâmica, Salah Darwazeh, e o líder do Hamas, Jamal Mansour, em julho, e depois o líder do Hamas, Amer Mansour Habiri, além do líder da Fatah, Emad Abu Sneineh, em agosto). Após o assassinato de Zibri, os israelenses assassinaram Mahmoud Abu Hanoud, do Hamas, em novembro. “Quem quer que tenha dado luz verde a este ato de liquidação”, [escreveu](https://www.thenation.com/article/archive/sharon-or-arafat-which-sponsor-terror/) o correspondente militar Alex Fishman no diário israelense ***Yediot Ahronot***, “sabia muito bem que estava destruindo num só golpe o acordo de cavalheiros firmado entre o Hamas e a Autoridade Palestina; nos termos desse acordo, o Hamas deveria evitar, num futuro próximo, os atentados suicidas dentro da Linha Verde [as fronteiras de Israel anteriores a 1967]”.

**Violência quente, violência fria**

Durante séculos, cristãos, muçulmanos e judeus palestinos viveram lado a lado nas terras que viriam a ser Israel e os TPO, incluindo a região ao longo do vale do rio Jordão. Desde a expulsão dos cristãos e muçulmanos palestinos e a chegada dos judeus europeus, o aparato legal – ou a “violência fria”, como [descreve](https://www.versobooks.com/en-gb/products/132-letters-to-palestine) o escritor Teju Cole – trabalhou em conjunto com a violência paramilitar e militar contra os palestinos para criar a fantasia de um projeto de Estado etno-nacionalista (o Estado judaico, como era então chamado). A erradicação dos palestinos não-judeus foi fundamental para este projeto, quer através de massacres ([Deir Yassin](https://en.wikipedia.org/wiki/Deir_Yassin_massacre), em 1948), quer através da remoção total da população palestina das suas terras (a Nakba de 1948). Os massacres e as transferências de população foram acompanhados pela negação da existência da Palestina e do povo palestino. O herdeiro de Ze’evi, o atual ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, [disse](https://www.middleeasteye.net/news/israel-smotrich-palestinians-no-such-thing) em março deste ano: “Não existem palestinos porque não existe um povo palestino”. Esta não é uma opinião que possa ser considerada como um mero discurso de extrema-direita. Ofir Akunis, membro do Likud e ministro da Ciência e Tecnologia, [disse](https://www.israelnationalnews.com/news/281166) há três anos: “Não há lugar para qualquer fórmula de criação de um Estado palestino na parte ocidental de Israel”. A expressão “Israel Ocidental” é uma declaração arrepiante sobre o consenso israelense em torno da anexação total da Cisjordânia, ignorando o direito internacional.

É essencial concentrar a atenção em Gaza. A “violência quente” israelense é extrema, com o número de mortes de palestinos – das quais quase metade, em Gaza, é de crianças – chegando a ser superior a 5 mil. A invasão terrestre israelense foi bloqueada, por enquanto, pelo reconhecimento de que o moral da resistência palestina está elevado. Esta lutará contra todos os soldados israelenses que entrarem nas ruínas de Gaza. Antes desta incursão israelense, 450 caminhões [entraram](https://www.ft.com/content/5027f41d-90e6-4481-a386-0fde2cdffa63) em Gaza com mantimentos para os 2,3 milhões de habitantes; foi considerada uma vitória quando nove caminhões das Nações Unidas e onze caminhões da Crescente Vermelha egípcia entraram em Gaza, no dia 21 de outubro. A Anistia Internacional analisou apenas cinco bombardeios israelenses e [encontrou](https://www.amnesty.org/en/latest/news/2023/10/damning-evidence-of-war-crimes-as-israeli-attacks-wipe-out-entire-families-in-gaza/) provas de crimes de guerra, o que deveria alertar o Tribunal Penal Internacional para reabrir o seu [processo](https://www.icc-cpi.int/news/statement-icc-prosecutor-fatou-bensouda-respecting-investigation-situation-palestine) sobre as atrocidades israelenses. Isto deveria incluir o crime de punição coletiva, com o corte da água e da eletricidade de Gaza, o bombardeio das estradas de acesso à passagem de Rafah para o Egito e bombardeio da própria passagem de Rafah.

Grandes manifestações em todo o mundo exigem um cessar-fogo (no mínimo) e o fim da ocupação. O Estado de Israel não está interessado. O ministro da Defesa, Yoav Gallant, [disse](https://www.timesofisrael.com/liveblog_entry/gallant-says-after-hamas-vanquished-israel-will-seek-new-security-regime-in-gaza/) ao Parlamento que as suas forças têm um plano de três pontos – destruir o Hamas, destruir as outras facções palestinas e criar um novo “regime de segurança” em Gaza. O povo palestino – e não apenas as facções armadas – está resoluto na sua resistência à ocupação israelense. A única maneira do novo “regime de segurança” de Gallant funcionar seria apagar essa resistência, o que significa retirar todos os palestinos de Gaza, quer através de massacres, quer através da expulsão. Os Estados Unidos estão alinhados a este plano de extermínio: um memorando do Departamento de Estado dos EUA [diz](https://www.huffpost.com/entry/state-department-internal-emails-gaza-israel_n_65296395e4b0a304ff6ff95d?ykm) que os seus diplomatas não devem usar frases como “desescalar”, “cessar-fogo”, “fim da violência”, “fim do derramamento de sangue” e “restaurar a calma”.